

Entre cruzadas e conspirações sombrias, o terceiro volume de Crónicas de Ramirez volta a mergulhar o leitor numa escrita viciante, que o leva a viajar entre redenções, batalhas e promessas de que estas crónicas não deixarão ninguém indiferente.

— **Margarida** —
@bibidibooks

LUÍS SILVA

CRÓNICAS
DE RAMÍREZ

Volume III

ALMAS PERDIDAS



Editorial Divergência

Novembro de 2025

FICHA TÉCNICA

Título: Crónicas de Ramírez

Subtítulo: Almas Perdidas

Autor: Luís Silva

Coordenação editorial: Arlete Gomes

Edição: Arlete Gomes

Revisão: Arlete Gomes

Artista de capa: João Rodrigo Carvalho

Composição: João Rodrigo Carvalho

ISBN: 978-989-9306-92-9

Este livro foi composto pelos tipos:

Palatino Linotype e Renny Hybrid

©2025 Grupo Editorial Divergência

©2025 Luís Silva

©2025 João Rodrigo Carvalho

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Grupo Editorial Divergência

Centro de Negócios de Ansião, Gabinete 8

Parque Empresarial do Camporês

3240-465 Chão de Couce

Portugal

Website: <https://divergencia.pt/>

E-mail: geral@divergencia.pt

Telefone: 928 155 850

O Grupo Editorial Divergência e Editorial Divergência são marcas da DNL Convergência, Lda.

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



**Financiado pela
União Europeia**
NextGenerationEU

CRÓNICAS
DE RAMÍREZ

Volume III

ALMAS PERDIDAS

*Aos meus pais.
Devo-lhes tudo.*

PRÓLOGO

O reino de Jerusalém sofrera um rude golpe com o final da Segunda Cruzada, três anos antes. O ataque e posterior cerco à outrora aliada cidade de Damasco transformou-se numa debandada desastrosa para os cristãos, acossados implacavelmente por arqueiros muçulmanos a cada milha palmilhada de regresso a Jerusalém. Humilhados pela derrota, Luís VII da França e Conrado III da Germânia abandonaram a Terra Santa e levaram consigo os seus exércitos de volta à Europa, sem terem conseguido conquistar qualquer nova praça-forte no Levante. Assim, Jerusalém e todos os restantes Estados Cruzados do Oriente foram deixados numa posição bastante precária e muito mais fragilizada do que nos anos antecedentes à cruzada. Dividido em lutas internas de poder entre o jovem rei Balduíno III e a sua mãe, a rainha Melisenda, o reino de Jerusalém enfrentava agora também a ira unificada de todos os reinos muçulmanos em redor, numa crescente *Jihad* contra a presença cristã.

No coração do reino, a cidade costeira de Ascalão, e porto de acesso a Jerusalém, fervilhava num misto de agitação, temor e incerteza. Navios atracavam e zarpavam, num alvoroçado movimento de gente, mercadoria e soldados, sobretudo ordens militares religiosas. Sob um ofuscante sol primaveril, gaivotas cruzavam o céu em voos rasantes, grasnando numa cacofonia

infernai, que se misturava com os gritos de mercadores, as preces de quem orava ajoelhado nas rochas à beira-mar e com a rebentação das ondas no molhe.

— Abram alas para o correio papai! — bradou o marinheiro, em tom de alarme, para que os estivadores que descarregavam o navio se desviassem do caminho.

Um cavaleiro templário, montado num nervoso cavalo castanho, irrompeu do porão do grande navio de carga. A sua capa branca com a cruz latina vermelha debruada ao centro esvoaçava ao sabor da brisa marítima, enquanto descia habilmente o animal pela prancha de desembarque para o cais buliçoso do porto. Trazia, sobre a garupa do cavalo, volumosos alforges de cabedal, carregados com correspondência. Alguma dela era oficial, directamente de Roma para o rei e clero em Jerusalém, outra era secular e provinha de nobres e mercadores das mais variadas cidades-estado italianas.

— Quem é o mensageiro local? — indagou o cavaleiro em latim, procurando o rosto de vários homens e jovens que pareciam aguardar a saída das mercadorias do barco. Retirou uma sacola dos alforges e mostrou algumas das cartas para enfatizar a sua pergunta.

Um rapaz de pele cor de azeitona, olhar arguto e turbante enrolado sobre a cabeça magra, avançou timidamente.

— Sou eu, *sayyid!* Eu faço as entregas das missivas — prontificou-se a criança magra e solícita, respondendo também num latim bastante fluido.

— Sabes ler as letras latinas, rapaz?

— Sim, *sayyid*. O imã ensina-nos todas as semanas. Também conheço os números cristãos até ao cem. Eu entrego tudo. Rápido e sem falhas. Pode confiar, *sayyid!*

O cavaleiro templário sorriu e passou-lhe a sacola pesada. Depois retirou de dentro da túnica uma maçã vermelha. Sopesou-a por um momento e lançou-a ao miúdo, que a agarrou num movimento lesto.

— Para pões um pouco de carne em volta desses ossos, rapaz — despediu-se o cavaleiro, impelindo a sua montada em frente. — E trata de entregar essas cartas aos destinatários certos!

O rapaz fitou primeiro o cavaleiro que se afastava e depois avidamente a suculenta maçã que segurava nos dedos magros. Trincou a maçã com agrado e partiu a correr, por entre a azáfama do cais, ajeitando a sacola a tiracolo, enquanto as pernas escanzeladas, porém rijas, levantavam atrás de si o pó da estrada seca.

À saída de Ascalão ficavam muitos feudos e propriedades senhoriais. Alguns não passavam de terrenos de cultivo, pontilhados por tamareiras de palmas descaídas e vedados por baixos muros de arenito. Outros eram feudos bem fortificados, com torres de pedra e palácios guardados por pequenos exércitos pessoais de barões e outros nobres menores. Grupos de cavaleiros patrulhavam a estrada do Leste, de Ascalão a Jerusalém, protegendo os peregrinos. Cavaleiros Hospitalários de São João envergando capas negras e Templários de branco e cruz rubra, ansiosos por pôr as suas espadas ao serviço de Deus.

O trote ritmado de uma companhia de lanceiros em exercícios levantou uma densa nuvem de pó, obrigando o jovem mensageiro a abrigar-se junto a uma azinhaga que corria ao longo da estrada. Tossicando, o rapaz atravessou depois para o lado contrário, relendo uma vez mais o nome e a identificação do palácio indicados num dos últimos sobrescritos que tinha para entregar. Conhecia bem aquele palácio. Toda a gente lhe chamava o palácio grego. Tinha muitas estátuas e uma fachada mais leve e clara do que os demais. Todos os outros eram soturnos, pesados e escuros. E bem mais feios, na sua opinião. O rapaz aproximou-se e, como sempre, demorou o olhar nas graciosas formas humanas em pedra que encimavam colunas e davam vida a relevos na ampla fachada. A porta principal estava fechada. Uma sineta e uma corrente aguardavam

pacientemente penduradas, mas a atenção do rapaz foi atraída para os portões abertos que davam para os jardins e as traseiras do palácio. Com passo lesto, torneou a fachada, hesitando depois ao passar timidamente pelos portões da entrada lateral, não guardada.

— *Sabah al-khayr...* — saudou o mensageiro para ninguém à vista, no pátio a céu aberto. Encolheu os ombros e avançou.

Muitos vasos com plantas vistosas decoravam o recinto, harmoniosamente emparelhados com estátuas desnudas de homens e mulheres. Estas evocavam gestos floreados plenos de graciosidade ou cenas contemplativas, quase tristes. No centro do pátio, maior do que as outras e claramente destacada, estava uma estátua do que parecia um homem nu, barbudo e altivo, empunhando alto uma tocha em chamas.

— “Pro... Prometheus, o Professor. O que trouxe o fogo do conhecimento à Humanidade” — leu a placa em latim baixinho, ignorando-a logo de seguida como se fosse algo de proibido e pecaminoso que não devesse ler. Certamente não fazia parte das escrituras e não queria ofender o Profeta ao ler sobre deuses pagãos.

O som ecoante de metal a bater ao fundo do pátio captou-lhe a atenção, e o rapaz aproximou-se com renovado interesse. Debaixo de um telheiro e diante de uma forja ardente, um possante homem de pele escura malhava, num ritmo compassado, um lingote incandescente. Trajava um espesso avental de couro, braceletes dourados nos antebraços musculosos e penduricalhos reluzentes na barba crespa e volumosa.

— O que queres daqui, moço? — disse num rude árabe, acusando a presença do rapaz sem parar de bater ou sequer virar a cabeça.

— *As-salamu Alaikum* — desejou o rapaz, colocando-se perto do homem, o olhar vidrado na forja e nas muitas peças em ouro brilhante que pendiam em redor, como num mostruário. — Trago uma carta, *sayyid*.

— Deixa-a em cima da mesa e podes ir — respondeu secamente o outro.

O rapaz largou o envelope em cima da mesa, mas manteve-se imóvel, maravilhado, o olhar preso na cadência precisa do cantar do martelo no lingote, soltando faíscas a cada sonoro golpe reverberante.

— Sempre sonhei ser um ferreiro — soltou o rapaz entusiasticamente e o homem barbudo deteve-se de forma abrupta, parando o movimento do martelo a meio caminho. — Por acaso não precisa de um aprendiz, *sayyid*?

— Repete lá o que disseste, moço! — voltou-se o homem e o seu rosto parecia furioso, fazendo tremer um anel dourado que lhe furava o lábio inferior, junto ao canto da boca.

— Eu... eu não... — titubeou o rapaz, dando alguns passos à retaguarda. O homem apontava-lhe agora o martelo ameaçadoramente.

— Com quem julgas tu que estás a falar? Achas que são ferraduras que vês ali penduradas, meu idiota? Crês que estas mãos servem para criar ferramentas toscas para cavar a terra?! Estas mãos! Olha bem!

O homem gritava agora, mostrando as mãos de dedos anelados e brandindo o martelo no ar, perante o olhar em pânico do jovem.

— Sou Soleimani Al-Jawahiriu! Ouviste bem, moço? Al-Jawahiriu! Mestre joalheiro de reis e califas. As minhas jóias adornam o pescoço das mais belas princesas sírias, e tu ousas confundir-me com um “ferreiro”?

O rapaz murmurou um “perdão” choramingado e ia desatar a correr, quando a mão forte e calosa de Soleimani o agarrou pelo pulso. Depois puxou-o para si e sussurrou-lhe ameaçadoramente ao ouvido.

— Podia usar-te como aprendiz, no entanto. O meu último sofreu um lamentável acidente. Queres saber o que lhe aconteceu?

○ SEGREDO DO AÇO

A lua nova teimava em deixar o céu nocturno sozinho, triste e apagado, como se este fosse um amante saudoso aguardando ansiosamente a amante havia muito desejada, que tarda em chegar ao encontro marcado. Assim parecia o céu sobre Génova, na noite subsequente à Batalha Velada, como ficou conhecida a batalha na Piazza San Lorenzo, devido às trevas que a cobriram. Um céu negro e imenso, pontilhado por milhares de estrelas minúsculas, refulgindo sozinhas no palco celeste, pois a lua, essa, mantinha-se tenebrosamente ausente, deixando a cidade entregue a uma escuridão lúgubre e lamentosa.

Poucos haviam chorado os mortos, devidos aos vassalos de sangue serem homens sem família, escolhidos a dedo pelos seus mestres vampiros, de forma a manter o secretismo da mascarada. Ao romper da alva, já nenhum corpo sobrava na Piazza, e apenas os espólios de combate davam indícios da carnificina, como escudos fendidos, lanças partidas, espadas quebradas, pedaços de tecido rasgado, algumas peças de armadura amolgadas, e muito sangue ressequido a tingir o empedrado. Rumores vogavam pelas bocas do povo, nas ruas, nas tavernas, no mercado, no porto e mesmo nas quintas circundantes. Rumores de que o exército do visconde D'Argento havia sido derrotado pelas bravas tropas

genovenses, que haviam montado quartel na catedral e saído numa carga vitoriosa dos grandes portões, para desbaratar as forças inimigas. Outros diziam ainda que o visconde tinha feito um pacto com o inferno e trouxera demónios consigo para atacar a cidade, e que no meio da noite uma grande hoste de Inquisidores de Roma chegara para os destruir, enviando-os de volta para as profundezas infernais. Razão pela qual ninguém encontrou os corpos dos malditos na Piazza, pela manhã. A cidade de Génova parecia fervilhar de tanta agitação, com as novidades e mexericos a correrem de porta em porta, mesmo depois do sol-posto e da noite escura cobrir a cidade de novo.

Contudo, do alto das torres espigadas da catedral, a praça lá em baixo e as ruas que dela se alastravam como patas de aranha pareciam tranquilas, silentes e imersas em protectora escuridão. Observando a noite, oculta entre um par de gárgulas monstruosas, estava uma figura solitária. Escrevinhava vagarosamente, à luz ténue de uma lamparina a óleo, tentando colocar os seus pensamentos em ordem.

Sabbatum, trigésimo primeiro dia de Março - Anno Domini 1151

Génova — Catedral

A minha queda continua...

O Kardhan está de volta à cidade. A batalha terminou e o Tomaso é agora prisioneiro. Mas a Lamya e o Algol continuam por aí, como uma ameaça a pairar. Será que o Kardhan vai querer o lugar de Príncipe de volta e vai afastar o Andrew? Pergunto-me como isso vai afectar a minha caça ao Gandolfini. A minha sede de vingança pelo que o maldito fez à Paola e ao Andrea Fatizzo não esmorece. Para além de que é ele quem tem a urna da Lamya em sua posse. Se a recuperar cumpro a minha parte do pacto que fiz com a infernalista e ela trará a Miriam de volta do mundo dos mortos. Ainda me parece uma loucura, mas o meu coração faz-me acreditar que é possível. Ter

a minha amada de novo nos meus braços. Nada mais me importa! E depois voltar a casa, a Alarcos...

Desprezo esta cidade tanto como odiei Jerusalém. Intrigas e falsidades, cobiça e poder. E os vampiros não são diferentes dos humanos, são apenas... “mais”. Tanto para o melhor como para o pior. Os poucos por quem tenho apreço tendem a sofrer, embrenhados nestas constantes lutas. Como o Antonio e o De la Peña. O mosteiro deve estar agora em ruínas, depois do ataque. Morreram tantos frades, tanta gente inocente. Tal como o era a Paola, pobre rapariga, apanhada nestas insidiosas teias.

O De la Peña continua um homem atormentado pelo seu passado. Há algo de muito tenebroso que o aflige por dentro, embora o tente esconder com o seu sarcasmo e bom-humor. A sua amizade permanece inabalável, mantendo-se do meu lado mesmo com o pacto que fiz com a Lamya. Temo o que a sacerdotisa infernalista lhe possa fazer, assim que tiver a urna, e depois de nem eu nem ele lhe termos mais préstimo. Ele sabe-o. Ainda assim, fará tudo o que puder para me ajudar. Em quase cinquenta anos, desde que despertei para este mundo de trevas, nunca senti uma ligação com alguém como sinto com ele. Com a exceção da Marisha, claro...

Ela continua sem responder às minhas cartas. Será que abandonou Ascalão? Não posso pensar nisso agora. Devo concentrar-me no Gandolfini, na Lamya e na bendita urna...

Luiz De Alonso Ramirez

Ramírez fechou o jornal à pressa, despertado pelo clangor do ferrolho da porta de acesso ao telhado, atrás de si. Soprou a chama da lamparina e ocultou-se rapidamente junto a uma das gárgulas, a mão cingida no punho de *La Reyna*. Alguém surgiu segurando uma candeia.

— Até que enfim. Procurei-te por todo o lado — disse De la Peña, o seu rosto iluminado pela vela protegida na caixa de vidro e ferro. — E podes sair daí que eu estou a ver-te perfeitamente.

— És tu! — saudou Ramírez, aproximando-se do amigo e relaxando a postura.

— Quem querias que fosse?

— Com o Algol ainda por aí à solta, e quem sabe quantos mais dos assassinos do Tomaso sobreviveram, todo o cuidado é pouco.

— Bem, se te quisesse matar, não vinha a alumiar o caminho com este farol na mão. O que estás aqui a fazer?

— Estava a precisar de apanhar ar fresco e reflectir um pouco. Julguei que estivesses com o Antonio a rezar ou assim...

— Estivemos antes, a rezar e a planear algumas coisas, mas depois ele foi ter com o Andrew e o Kardhan ao palácio consular. Assuntos importantes de Tenebrae para decidirem. O Antonio disse para arrumarmos as nossas coisas e irmos lá ter, e mandou o frade Alberigo trazer o resto dos nossos pertences que estavam no mosteiro aqui para a catedral. O nosso abrigo passará agora a ser aqui, na protecção do bispo e do Antonio e com as boas graças do Príncipe, claro.

— O Príncipe Andrew ou o Príncipe Kardhan?

De la Peña encolheu os ombros.

— E que estiveste tu a planear com o Antonio? — quis Ramírez saber, pegando na lamparina apagada para se ir embora.

— Ele está a pensar voltar a Roma. Restabelecer algumas raízes com a sua fé e retirar-se espiritualmente durante uns tempos ou assim... e... bem... pensei que podia acompanhá-lo.

— Oh... — Ramírez foi apanhado de surpresa. — Julguei que viesses comigo para Alarcos, quando isto tudo terminar.

— Esse é o teu plano, Ramírez. O teu propósito! Não o meu... Lamento, tenho pensado bastante sobre isto e talvez já devesse ter falado contigo, mas... — desabafou De la Peña, abanando a cabeça pesarosamente. — Todos nós precisamos de um propósito. Algo só nosso, algo que nos faça... continuar. Os humanos, com uma vida tão fugaz, prendem-se ao mais

ínfimo propósito que os faça erguer a cada manhã e sobreviver a só mais um dia. Então que dizer de nós, imortais? Sem um propósito que nos guie, somos apenas uma folha morta, balançando ao sabor do vento. E que diferença faz se passa uma noite ou cem... ou mil? Sem um propósito estamos verdadeiramente mortos.

— Entendo, só achei que... — Ramírez ia tentar responder, mas De la Peña continuou como se tivesse necessidade de libertar o que lhe ia na alma.

— Até o Ludwig Schwarz tinha um propósito, por mais deturpado e egocêntrico que fosse: servir-se a si próprio, acima de tudo! Eu não sou mais essa pessoa, e o propósito de Javier De la Peña é-me agora claro: servir a Deus e ao próximo, através d’Ele.

— Parece-me que a melhor maneira de ajudar o próximo é dar-lhe um pedaço de pão, se tiver fome, ou protegê-lo se estiver a ser atacado. Não é a rezar, ou a convencê-lo a dar a outra face...

— Ora, Ramírez. Não me venhas outra vez com esses disparates humanistas da Marisha. Não me apetece entrar de novo num debate filosófico contigo. Para além disso, eu sinto que Deus me escolheu para algo mais do que dar esmolas a pobres ou aliviar o sofrimento dos desgraçados. As forças do Mal estão à espreita, não descansam, e são muito poderosas, como bem sabes! Deus também precisa de soldados poderosos, para combater o Mal.

— Aos olhos dos Inquisidores, tu e eu seríamos o Mal...

— Esses não passam de ignorantes — dispensou De la Peña com um curto acenar de mão. — Eu sei distinguir claramente entre o Bem e o Mal e quem são os inimigos de Deus.

Ramírez colocou a sua mão fraternalmente no antebraço do amigo.

— Cuidado, parceiro. Essa linha de pensamento pode ser muito perigosa. Ouvi-a nas Cruzadas vezes sem conta,

nos dois lados da contenda. Para um habitante de Damasco, enquanto os cruzados lhe sitiavam a cidade, não era eu o Mal?

— Não! — respondeu peremptoriamente. — E guerras de homens, por terra ou poder, não me interessam. O verdadeiro Mal tem um rosto muito feio, Ramírez. É negro e envolto em chamas! O Ludwig Schwarz mostrou-te apenas um vislumbre dele, mas devias confiar que o conheço bem demais. Bem demais para o temer e para saber, sem dúvidas ou hesitações, que tem de ser combatido sem misericórdia. Deus colocou-me neste caminho. E vou segui-lo, de alma e coração, para O servir nesta missão divina. Serei o Seu instrumento, a Sua arma!

— E para isso precisas de ir a Roma... — Ramírez suspirou, de ombros descaídos.

— Para estudar, para aprender, para O conhecer — corroborou De la Peña. — Onde melhor do que no preciso local em que São Pedro colocou a primeira pedra para a fundação da Igreja? Irei visitar-te a Alarcos depois, talvez passar uma temporada contigo mais tarde, mas por agora... Entende-me, meu amigo. Tenho mesmo de o fazer. É... o meu propósito!

De la Peña ergueu a candeia entre ambos, iluminando-os claramente e afastando a penumbra das suas faces. O olhar de Ramírez estava fixo no seu, a sua mente insondável. Depois sorriu, tristemente, baixando o olhar em pesarosa concordância.

Mais do que recear a morte, pela segunda e derradeira vez, tremo perante o horror de suportar uma imortalidade solitária... pensou, dando uma palmada conciliadora nas costas de De la Peña, enquanto abandonavam o telhado da catedral.

— Melantha... — proferiu Lamyá, depositando uma flor negra sobre o peito do cadáver carbonizado.

Os olhos de Lorde Vladek, que observava o ritual nas costas de Lamyá, arregalaram-se, ao percepcionar um escuro

miasma violeta pardacento erguer-se através do solo terroso do túnel nos subterrâneos. A névoa arroxeadada pairou por alguns instantes, flutuando sobre o torso decrepito, com restos de carne cauterizada entre as ossadas, antes de se infiltrar e imbuir no cadáver inerte, possuindo-o.

— Ergue-te, meu servo infernal — comandou Lamyá, esticando o braço sobre o cadáver, cujas órbitas vazias da caveira chamuscada brilharam com uma ténue luz malévola.

Um súbito estertor tomou conta do esqueleto, que se torceu bruscamente, apesar da rigidez mortal. Os cabelos de Lamyá e de Lorde Vladek eriçaram-se, quando um profundo rouquejo demoníaco, cavo e gutural, ecoou pela caverna. Provinha das mais negras profundezas do inferno, acompanhando a sinistra ascensão do cadáver a uma hirta pose vertical. Ossos estremeceram e articulações rangeram, à medida que o espírito maligno ganhava consciência do seu novo receptáculo físico, fitando, com assustadora inteligência, a sua nova mestre.

Lamyá ia dar um passo em frente, quando vacilou, tomada por uma inesperada tontura, que a obrigou a amparar-se na parede de terra húmida dos subterrâneos. Lorde Vladek correu a segurá-la. O esqueleto manteve-se impassível, aguardando servilmente as ordens da sua invocadora. Um fôlego rouco e arrastado, como uma respiração pesada, grassava sobrenaturalmente por entre os maxilares do cadáver animado, em cujo corpo revolviam fiapos de negrura violeta, indicando a presença vil que possuía e controlava os ossos.

— Eu estou bem — soou áspera a voz de Lamyá, repudiando a ajuda do Vrajitor, com um rude, frio e inequívoco afastar de mão.

— O que aconteceu? — perguntou Lorde Vladek, no seu forte e acentuado sotaque de leste. — Anseia por sangue, senhora Lamyá?

Cinco esqueletos, de andar trôpego e bamboleante, aproximaram-se empunhando tochas acesas nas mãos de

dedos rígid0s. O cadáver animado, imbuído do espírito maligno que Lamyia invocara, olhou os outros esqueletos através das suas órbitas vazias, indagando-se sobre aqueles seres inferiores, desprovidos de astúcia e iniciativa própria.

— Invocar um Athanathos exerce um custo elevado, Lorde Vladek... — confessou Lamyia, com um sorriso sofrido.
— Dilacera-nos um pedaço da alma, por requisitar os serviços de tão poderoso servo. Ainda bem que a minha está a salvo destes custos, não acha?

Lamyia riu afectadamente, soerguendo-se e recuperando da fraqueza provocada pela invocação. O Athanathos continuava a fitá-los, ocultando uma força e um poder formidáveis, sob a frágil estrutura óssea.

— Sinto uma presença ominosa... quase avassaladora — referiu Lorde Vladek, sem conseguir esconder o espanto e a admiração com tamanha demonstração de poder. — Com um exército destes... Athanathos, seremos imparáveis!

— Um exército?! — surpreendeu-se Lamyia, arqueando as sobranceiras finíssimas e revelando um sorriso trocista na boca de lábios negros. — Terei sorte em suster-me nas pernas se conseguir levantar três, no máximo quatro, guerreiros Athanathos, e mantê-los depois sob o meu controle. Não, meu caro aprendiz. Um Athanathos é um servo de estirpe muito superior. Muito distinto destes trôpegos e desajeitados brutos sem miolos, que facilmente desperto de qualquer cadáver. Estes pouco mais préstimo têm do que ser meros escravos para mão-de-obra. Um Athanathos é um guerreiro exímio, temível, dotado de uma força infernal capaz de enfrentar qualquer vampiro e sair vitorioso do confronto. É um espírito demoníaco confinado a um corpo desprovido de vida, e obrigado a servir obedientemente quem o invoca.

— Uma guarda pessoal, então... — adivinhou Lorde Vladek, admirando a figura decrépita do Athanathos, que tão bem escondia o seu poder oculto. — Julguei que a senhora tivesse algo mais... calamitoso, preparado para esta cidade.

— Oh e tenho! — sorriu Lamy, maliciosamente. — Mas primeiro quero a minha alma e a urna que a protege, ambas seguras e na minha posse. E como não tenho qualquer intenção de cumprir a promessa que fiz ao Zelus, preciso de garantir a minha própria integridade física, quando ele se aperceber da verdadeira natureza do nosso pacto.

— Pensei que o tivesse à sua mercê, tal como ao Skulp'tor, com as marcas negras que lhes gravou na mão — supôs o Vrajitor.

— Um Zelus ofendido é um inimigo mortífero. Posso dominá-lo com dores excruciantes, ou mesmo matá-lo, assando-o com o fogo negro, mas mesmo à beira da morte a fúria cega de um Zelus pode fazer rolar cabeças, meu caro. Não vou correr riscos. Não agora. Nestes túneis jazem muitos dos meus antigos seguidores e servos, queimados pelos Inquisidores. Na altura certa libertá-los-ei na superfície, quer o idiota do Tomaso consiga ou não tomar o trono. Só preciso de estar na posse do meu bem mais precioso. Depois disso, enquanto a cidade se afunda no caos, deixaremos Génova para trás, enterrada em morte e destruição.

— Um plano auspicioso, senhora — elogiou o feiticeiro de sangue. — A propósito de Tomaso, temos estado alheados do que ele tem andado a fazer nas últimas noites. Talvez eu devesse reatar o contacto, para não levantar suspeitas junto do nosso ainda aliado.

— Bem pensado. Trate disso, meu aprendiz, e regresse em breve. Vou precisar de si talvez mais cedo do que estou a planear.

— Sabe que para o que precisar, estarei do seu lado.

— Sim... tem-se revelado um acólito fiel, Lorde Vladek. E a lealdade tem as suas recompensas — prometeu Lamy, franzindo os seus finos e negros lábios.

A taverna “Coelheira” encontrava-se quase vazia. Cerca de uma dúzia de homens conversava em grupos separados

pela sala comum. Desde a noite em que a guarda do Conselho havia tomado de assalto a taverna e aprisionado quase todos os seguidores de Gandolfini, a clientela da “Coelheira” ficara reduzida a um mero punhado de homens recatados e de parcias palavras. Alguns dos seguidores, ainda livres, evitavam o local. Outros simplesmente jaziam nas masmorras, ou enterrados em valas comuns, depois de enforcados no cadafalso. O taverneiro, esse, fazia contas à vida, pois, para ganhar a sua liberdade e ilibação das acusações que o ligavam à conspiração de Gandolfini, tinha aberto mão de todas as suas poupanças.

Esfregava agora, meditabundo, uma caneca pela terceira vez consecutiva. Ouvia-se o crepitar das chamas na lareira entre os sussurros dos poucos convivas na sala comum. O taverneiro suspirou, pousando a caneca e esfregando as mãos no avental sebento que trazia vestido. Uma melancolia inundava a sala, outrora pejada de luz e bulício. A penumbra tristonha era tudo o que restava.

— Taverneiro! — chamou uma voz do canto da sala, despertando-o dos seus pensamentos. Dois homens sentavam-se, semi-ocultos pelas sombras do recanto da sala e pelas capas que usavam aos ombros.

O taverneiro, de rosto bonacheirão e avermelhado, aproximou-se solícito do par. Talvez lhe pedissem uma dose de ensopado, e bem que precisava de vender. Ou talvez fossem homens-demónio, como aquele que tinha seguido até a um beco, umas semanas atrás, a mando do mestre Gandolfini, e o havia surpreendido e metido inconsciente numa casa abandonada. Despertara umas horas depois, com os pulsos e tornozelos ligados, carne e tendão, como por artes demoníacas, e a boca tapada com a pele dos próprios lábios. A sua aflição só terminou quando o suposto demónio regressou, no final da noite seguinte, e sem uma palavra sequer repôs o seu corpo ao estado normal, sem dor ou desconforto. Fora tudo muito estranho, como aliás se tornara a sua vida, antes pacata, depois de se envolver com o misterioso Gandolfini.

— Tendes fome? — perguntou o taverneiro, abeirando-se da mesa tosca de madeira.

— Por acaso temos... e pareces apetitoso. Mas antes precisamos de te fazer umas perguntas — disse Loki, meneando a cabeça e fixando o seu olhar no do taverneiro.

— Como disse?! — estranhou o taverneiro, mas a sua mente sã foi depressa silenciada pelo poder do Lunae, e um estado apático de confusão tomou conta de si.

— Senta-te, meu... bom taverneiro... — convidou Mukade, forçando também o seu poder sobre o pobre homem.

O taverneiro sentou-se, incauto e indiferente ao perigo que o rodeava.

— Ora conta-nos lá o que tem feito o teu mestre nos últimos tempos — instigou Loki, aproximando o seu rosto da face redonda do taverneiro. Os guizos do seu barrete tilintaram, quando Loki baixou o manto que lhe cobria parcialmente a cabeça. Estavam no escuro, no canto ensombrado da sala, e ninguém os perturbaria. Por cima deles, a escuridão era total e quase opaca, bruxuleando no tecto, sempre que uma chama crepitava com mais força na lareira. As sombras cobriam-nos. — Por onde anda ele?

— Foi-se... — balbuciou o taverneiro, piscando os olhos sem emoção.

— Para... onde?! — insistiu Mukade.

— Foi-se... — repetiu.

Loki recostou-se de novo, coçando o nariz pensativamente.

— Talvez tenhamos exagerado a dose para uma mente tão simplória. Não achas, Mumu?

Mukade pegou no pulso do taverneiro, forçando-o a olhá-lo agora.

— Onde... está o... Gandolfini?

— Foi-se...

Mukade baixou a cabeça em frustração, fechando os olhos e batendo com o punho na testa. Foi a vez de Loki tentar novamente.

○ PLANO DE KARDHAN

Murmúrios e sons de vozes excitadas saíam da taverna “Coelheira” para a noite escura, atravessando duas ruas e um descampado, chegando ainda ligeiramente audíveis ao limiar do cemitério, a norte da zona portuária. Enzo, o Tenebrae enviado por Andrew para espiar as deambulações de Loki e Mukade, aguardava sinistramente por baixo do arvoredo cerrado e escuro de um grande choupo, que sobranceava os muros de pedra do velho cemitério. Os seus olhos negros vigiavam atentamente as silhuetas dos Lunae, Loki e Mukade, enquanto estes pareciam espreitar sobre o muro, para o interior do cemitério. Enzo espiava-os como um falcão, mantendo-se à retaguarda, furtivo entre as sombras, que eram o seu domínio. O Tenebrae havia-os seguido até ali e aguardava pacientemente que os estranhos Lunae tomassem qualquer outra acção, para seguir no seu encalço. Estes, contudo, pareciam ter ficado especados no muro, quietos e silenciosos como ratos, não se movendo havia já algum tempo. Teriam eles descoberto Gandolfini ali? Estariam eles próprios a vigiá-lo? Enzo enviou diligentemente a sua esfera umbral circular o cemitério.

O pequeno orbe de trevas rodopiantes singrou pela noite escura, saltando de árvore em árvore, escondendo-se nas copas, ocultando-se atrás dos ramos nodosos, e pairando

nas sombras recônditas das pedras tumulares. Como um olho gigante de trevas líquidas, espiava o ambiente funesto do cemitério, permitindo ao seu mestre invocador observar tudo o que visse também. Nada... Nem Gandolfini, nem ninguém. Nem sequer um movimento fugaz, como o de uma raposa esquiva a atravessar as campas, ou um ramo tortuoso a oscilar com a brisa se fez sentir. Todavia, lá estavam os vultos das cabeças dos dois Lunae espreitando sobre o muro: um barrete de pontas pendentes com guizos, e ao lado, e um pouco mais alta, a forma de uma cabeça pontiaguda.

Enzo chamou a esfera umbral de volta e retornou à vigília das silhuetas imóveis dos Lunae, durante mais algum tempo. As estrelas rodaram no céu com o moroso passar das horas nocturnas. Enzo mantinha-se diligentemente atento, apesar de estranhar o peculiar comportamento dos dois Lunae. Quando as estrelas, que ao início da noite haviam estado sobre a sua cabeça, se afundavam já no horizonte longínquo, um pouco antes do raiar do dia, o Tenebrae decidiu aproximar-se para tentar perceber a razão de tão delongada imobilidade.

Avançando pé ante pé, Enzo acercou-se silenciosamente, passando por baixo dos ramos do choupo, evitando o arvoredo basto dos espinheiros, e entrando pelas sebes de arbustos eriçados e retorcidos, que cresciam quase à altura de um homem. Um pouco mais à frente surgiam as silhuetas ocultas de Loki e Mukade, imóveis e silentes, como se estivessem a preparar uma emboscada. Enzo parou por um instante, escutando o sossego nocturno, na esperança de apanhar uma qualquer conversa sussurrada entre os Lunae. Para além de uma sinfonia de grilos, do piar de uma coruja e dos ruídos distantes da taverna, nenhum outro som sobressaía do silêncio irrequieto da noite. Enzo estava cada vez mais intrigado e avançou um passo, fitando sempre as silhuetas com olhar duvidoso. Depois outro e outro ainda, calcanhar primeiro e biqueira da bota de seguida. Estava já muito perto da retaguarda dos dois, quando subitamente um galho seco

estalou debaixo do seu pé. O estalido rasgou o silêncio e Enzo, em pânico, retirou a sua espada num ápice, pronto a reagir ao sobressalto das suas presas.

Silêncio.

Uma brisa soprou suave pelos arbustos, restolhando ao de leve e prazenteiramente... e as duas silhuetas mantinham-se imóveis e silentes, como se nada fosse.

Enzo arqueou dubiamente as sobrancelhas negras. Algo ali estava muito errado. Aproximou-se o par de passos que faltava para a silhueta dos dois Lunae, apontando-lhes a lâmina cautelosamente. Estes continuavam a não dar qualquer sinal de estarem conscientes da sua presença. O Tenebrae ousou encostar a ponta da espada às costas do Lunae que estava à esquerda, o que tinha o barrete de bobo e roupas de várias cores. Espetou a ponta aguçada nos rins e o corpo revelou-se surpreendentemente mole, permitindo que a espada se afundasse sem qualquer resistência. Espetou outra vez e depois golpeou mesmo o flanco, fazendo tombar aquele corpo frouxo, sem qualquer dificuldade. A cabeça encapuzada com o barrete rolou ao cair no chão, revelando ser feita de palha seca. O corpo não passava de um boneco empalhado, vestido com as roupas do Lunae, tal como o outro a seu lado.

— Ora esta?... — exclamou um confuso Enzo, dando um pontapé no boneco caído.

Nesse mesmo instante, Mukade desfez o estado de invisibilidade, aparecendo quase completamente nu, sentado em cima do muro. A sua perna comprida subiu como um pêndulo, desferindo um certo pontapé no queixo do desprevenido Enzo, que cambaleou para trás, atordoado. Braços esguios e nus ampararam-no então pelas costas, apenas para que um deles surgisse subitamente por debaixo da sua axila, e levasse uma adaga afiada à garganta do Tenebrae, abrindo-a num brusco rasgão. Enzo caiu ao chão, estorcegando aflitivamente, enquanto uma torrente rubra se esvaía do pescoço dilacerado.

— Toma lá que já almoçaste... — troçou um despido Loki, abaixando-se em frente do Tenebrae, que gorgolejava sofregamente ao tentar impedir o precioso sangue de jorrar para fora. — Pensavas que íamos deixar que nos andasses a farejar o rabo, seu sabujo? Não passas de um rafeiro do Príncipe Palito.

Mukade riu à gargalhada ao saltar para o chão. O seu corpo escanzelado parecia tremer como varas verdes, de tão magro e alto. As ceroulas de trapo sujo que trazia vestidas davam-lhe um ar ainda mais ridículo.

— É melhor... chuparmo-lo já antes... que o sombrinhas se... comece a curar — sugeriu Mukade, cruzando os braços magríssimos em frente ao peito ossudo e afundado.

— Não, idiota! — recusou Loki, enquanto colocava um joelho em cima do abdómen de Enzo e erguia a adaga ameaçadoramente. — Odeio estes malditos Tenebrae! Não quero o sangue sujo deles dentro de mim. E aí de ti que não faças como te digo, como fizeste com aquela brincadeira da urna...

Enzo parecia começar a reagir, retorcendo-se no chão enquanto a ferida aberta no pescoço principiava a regenerar. Loki apercebeu-se e rasgou-a novamente, provocando um esguicho repulsivo que lhe salpicou até a cara. Depois agarrou os braços do enfraquecido Tenebrae à força e cortou-lhe ambos os pulsos, num golpe fundo, do antebraço até à mão. O sangue vital esvaía-se livremente, abandonado o corpo de Enzo, que revirava os olhos, nas vascas da morte final.

Loki ergueu-se, limpando a lâmina ensanguentada à túnica branca de tecido que costumava vestir sob as roupas garfadas de jogral. Mukade, atrás de si, parecia resmungar algo entredentes, como se estivesse amuado.

— Blhac... que porcaria — queixou-se Loki, arrancando, com a unha, uma tira de carne sangrenta que ficara agarrada numa reentrância junto aos copos da adaga. — Agora já podemos fazer a espera ao Gandolfini à vontade, sem

empeçilhos a vigiar cada passo que damos. Se o taverneiro estava certo, o velho Coelho vem aqui regularmente trazer comida à campá do pai. Só temos de nos manter à coca.

— E que... fazemos com o... Tenebrae aí? — perguntou, mal-humorado, Mukade, na sua típica voz arrastada e sonolenta.

— Este bandalho vai ficar aqui à espera de cumprimentar o sol... eh, eh.

Os Lunae recuperaram as roupas dos bonecos de palha rapidamente e afastaram-se na madrugada que despontava, deixando o corpo incapacitado de Enzo entregue à sua sorte.

A alvorada não tardaria e o céu a leste já despia o negro, para assumir um sublime tom azul-escuro. Anunciava-se um raiar de dia belo, esplendoroso e fulgurante, todavia proibido aos seres amaldiçoados da noite.

Os dedos da mão esquerda de Enzo estremeceram, mas este não foi capaz de esboçar qualquer outro movimento. Todo o seu sangue vertera para o chão terroso, onde empapara o solo. As pálpebras pesavam-lhe e só lhe apetecia adormecer e cair num sono tranquilizador e sem fim. Um sono final que havia muito era adiado. O seu sentido de dever, contudo, compeliu-o a um último esforço. Juntando o resquício de forças que lhe restavam, invocou a sua esfera umbral para uma derradeira missão.

O globo obscuro pairou por um momento acima da cabeça do moribundo Tenebrae, recebendo as indicações que este lhe incutia. Depois, rodopiou subitamente como um torvelinho de trevas e saiu disparado pela noite, desaparecendo por entre o arvoredo, rumo ao coração da cidade.

Enzo deixou descair a cabeça, e ali ficou, jazendo de costas no solo lamacento de sangue. Pestanejou algumas vezes, perdendo a noção de tempo e espaço, enquanto flutuava intermitentemente entre os vários estados de consciência. O torpor clamava por si, como uma âncora pesada, mas Enzo obrigou-se a manter-se desperto por mais alguns instantes... mais alguns instantes apenas...

O glorioso astro solar irrompeu imperiosamente pelo horizonte, com uma vaga avassaladora de beleza, assombro e maravilha. Ao início fora apenas uma ténue auréola dourada, florindo do negrume azulado. Num ápice, o primeiro raio ofuscante rasgou o céu adormecido, iluminando majestosamente o tecto da cidade, ainda sonolenta.

O olhar de Enzo piscou duas vezes, cegado pela dominadora e estonteante luz, mas depois manteve-se fatidicamente aberto. Estava perdido em perplexa admiração pelo esplêndido espectáculo luminoso, que já não presenciava havia algumas décadas, e que todos os vampiros anseiam, e receiam, voltar a contemplar. O seu corpo incendiou-se subitamente e chamas vorazes engoliram-no, ardendo amaldiçoado até não sobrar mais que um mero montículo de cinzas, no solo empapado.

— Esta noite irei erguer mais um de vós — anunciou a Sepulcralis, visando as duas figuras encapuzadas atrás de si, que a serviam como guarda pessoal.

Um ominoso ronco gutural soltou-se de debaixo dos capuzes, acompanhado por um respirar pesado, áspero e rouco, provocado pelos poderosos Athanathos. Os espíritos demoníacos encarcerados nos seus corpos de ossadas velhas exultaram intensamente por um instante, ao receberem a notícia da sua mestre. Iriam acolher entre eles mais um membro da sua casta infernal. Três Athanathos ao serviço de uma só invocadora. Deveria ser verdadeiramente temerária para sacrificar dessa forma a sua própria alma. Os demónios não esquecem ou sequer relevam os tratos e acordos feitos com os seres da superfície. Mais cedo ou mais tarde acabam por reclamar o que lhes é devido. Uma luminosidade mortíça de tom violeta sobressaiu de debaixo dos mantos dos dois

Athanathos, e dois pontos vermelhos refulgiram, como brasas incandescentes, por entre o negrume dos rostos encapuzados de cada um.

Lamya sorriu arrogantemente, como se adivinhasse os pensamentos dos Athanathos. Bem que podiam esperar eternamente para cobrarem o preço da sua servidão. Eles e todos os restantes demónios do Inferno. Enquanto a sua alma estivesse protegida na urna, longe do alcance das suas garras, Lamya era intocável.

— Mas, meu senhor... Decerto se pensardes melhor, talvez... — tentava Antonio articular, mas a mão estendida de Kardhan interrompeu-o no mesmo instante.

— Não gastes o teu latim, bom Antonio — retorquiu o poderoso Tenebrae na sua voz grave e autoritária. — Eu falei, e a minha decisão é final. O Príncipe é agora o Andrew e não ouvirei mais sobre o assunto.

Andrew enfunou o peito, sentindo o seu ego inflamar com as palavras do anciano vampiro. Aparentemente, tudo correria de feição a Kardhan nas terras de leste, e este não teria intenções de retomar o cargo de um mero Principado, mesmo um tão proeminente e cobiçado como o domínio de Génova.

Encontravam-se os três Tenebrae nos aposentos de Andrew, no palácio consular, que antes haviam pertencido a Kardhan, quando este fora Príncipe. Andrew levantou-se do tamborete onde estava sentado e caminhou pelo quarto luxuoso, enquanto Antonio continuava em redor de Kardhan, perto da cama de dossel, insistindo cautelosamente.

— ... Mas, excelência... Não menosprezando as capacidades do Andrew, temo que o domínio se torne alvo constante de outros anciãos ambiciosos, que se julguem afoitos o suficiente para chegar e destronar o Príncipe. Porém, convosco no trono, ninguém se atreveria a tentar sequer.

TRATOS COM DEMÓNIOS

O archote balançava, empunhado a alguma distância da face de Lorde Vladek. As chamas tremeluziam na escuridão do túnel, enquanto o ancião Vrajitor avançava pelas galerias dos subterrâneos de Génova, projectando compridas sombras nas paredes apertadas, de rocha e terra húmida. Embora fossem um autêntico labirinto de túneis claustrofóbicos, Lorde Vladek sabia bem o caminho a tomar. O seu comprido manto violeta arrastava a bainha pelo chão, onde restos decrepitos de corpos carbonizados jaziam, desde que os Inquisitores haviam purgado o covil dos infernalistas.

Lorde Vladek era também ele um infernalista, convertido à adoração demoníaca ainda enquanto humano, estudando as místicas artes da alquimia. Depois do abraço vampírico, ao ser recebido no seio dos emergentes Vrajitor, a sede de conhecimento e maior poder apenas aguçaram ainda mais a sua ambição. E cedo chegariam as primeiras lidações e contractos com demónios, lançando-o numa rodopiante espiral de perdição para a sua alma condenada. Liderando a confraria Vrajitor em Génova, estabelecida em segredo, acabou por se deparar, quase que fortuitamente, com o gato demónio de Lamya. Encontro esse que também acabou por se revelar tremendamente vantajoso para Lorde Vladek, pois com a confraria desmascarada e os seus discípulos mortos às mãos dos Inquisitores,

havia encontrado em Lamyia uma generosa mão estendida em auxílio, bem como uma poderosa aliada, sacerdotisa e guia, para a sua via espiritual infernalista.

Lorde Vladek saiu de um corredor particularmente estreito, o qual havia percorrido de cabeça vergada, caindo-lhe o negro cabelo escorrido pela face larga de maxilares salientes. O túnel principiava depois a subir por uma ladeira inclinada, ao fundo da qual se revelava uma abertura toscamente redonda, de cujo interior surgia uma luz parda. Um abafado som gotejante ecoava pelo túnel, à medida que os passos pegajosos de Lord Vladek avançavam pelo solo lamacento, rampa acima. O espaço nos subterrâneos era tão apertado que se tornava opressivo. O túnel desembocava num orifício circular, ao jeito de porta, que se abria para mostrar uma gruta cavernosa de paredes e tecto irregulares.

Três estalactites pontiagudas assomavam-se logo à entrada, caindo ameaçadoramente sobre a cabeça de quem irrompia pela caverna adentro, vindo do túnel. A caverna não era grande e estava repleta de estalactites e estalagmites, que a preenchiam quase por completo, algumas delas como colunas inteiriças, desde o tecto ao chão, unidas ao meio por uma finíssima ligação de rocha calcária. O som monótono e contínuo de gotas ecoava baixinho entre uma morticha luz avermelhada, que provinha de inúmeras velas, dispostas em redor. Uma ladainha sussurrada fazia-se ouvir um pouco mais à frente, e foi apenas quando Lorde Vladek torneou algumas estalagmites de base larga, que se deparou com Lamyia ajoelhada no chão da gruta, retocando um antigo pentagrama, cujos traços místicos haviam ficado desfeitos pelo ataque dos Inquisidores.

— Senhora Lamyia... — apresentou-se o Vrajitor, despertando a Sepulcralis do ritual infernalista.

— Ah, Lorde Vladek! — Lamyia ergueu-se elegantemente, alisando a saia negra do vestido comprido.

Lamyia sorriu, mas o seu sorriso era sempre gélido e desprovido de qualquer sentimento, empatia ou afeição. O seu rosto era magro e ossudo, e o corpo esguio e gracioso. Não

fora pelo coração negro, que transparecia claramente para a sua aparência física, podia até considerar-se Lamya uma mulher atraente.

— Trago novidades da cidade. As forças de Tomaso foram destroçadas pelo Conselho de Génova, em batalha aberta, defronte da catedral. Vampiros e humanos morreram, e embora os defensores tenham levado Tomaso de vencido, não foram poucas também as suas baixas. Não vos preocupeis contudo, senhora, os vossos dois agentes escaparam incólumes.

— Ótimo — Lamya pareceu agradada com a informação.
— Que se matem uns aos outros e que se ocupem com os seus próprios jogos de poder. Tudo o que me interessa é recuperar a urna.

— Há mais novas a reportar, sacerdotisa. O anterior Príncipe regressou, e pôs cobro à batalha quando incapacitou o Tomaso — acrescentou Lorde Vladek.

— O Kardhan?! — Lamya adoptou uma súbita postura séria, falando mais para consigo mesma do que respondendo ao seu aliado Vrajitor. — Voltou, é? Isso pode complicar as coisas um pouco... e o meu ataque terá de ser avassalador para ceifar o maior número de vidas possível.

— Senhora? Perdão, mas... — hesitou Lorde Vladek no seu sotaque carregado, incerto sobre até que ponto poderia questionar ou ousar entender os desígnios da sua sacerdotisa — ...se o vosso propósito é recuperardes a urna e a vossa alma, e estando já o Zelus e o Skulp'tor apóstata na iminência de a recuperar, porquê o envidar de tantos esforços em levantar um exército de esqueletos para aniquilar os mortais da cidade? Não seria mais proveitoso estabelecer um novo culto, aliciando e corrompendo humanos vivos como seguidores?

Lamya não respondeu de imediato, perscrutando atentamente, e sem esboçar qualquer reacção, o olhar de Lorde Vladek.

— Seria mais proveitoso sim, meu leal aprendiz. Mas nunca terei uma oportunidade tão boa como esta para

conseguir uma última barganha com os demónios. Uma que expurgará todas as dívidas que acumulei ao longo de todos estes anos!

— Mas se a vossa alma está segura e protegida, o que vos interessam as dívidas? Segundo os vossos ensinamentos, Lúcifer incentiva-nos a servir a nós próprios. Servindo-nos a nós mesmos, servimo-lo a Ele... Se interpretarmos a Sua vontade nesta perspectiva, o Chifrudo está até a dizer-nos para usarmos e, sempre que possível, ludibriarmos os Seus demónios, não achais?

— Aprende rápido, meu caro associado. O Senhor dos Pecados promove a auto-satisfação como objectivo supremo, mas claro que tudo tem os seus custos, e se a nossa ambição for desmedida... apenas será igualada pela nossa perdição. Quanto às minhas dívidas, e embora a minha alma esteja a salvo enquanto estiver no seu invólucro, os residentes infernais nunca a esquecerão. Eles manterão as garras afiadas, prontas a dilacerar cada pedacinho que lhes prometi, caso ela se liberte. E tenho de confessar que os meus credores não são poucos.

— Mas se recuperardes a urna e se ela ficar escondida em local secreto, nada tereis a temer, senhora negra!

Lamya voltou a não responder de imediato, como se ponderasse muito bem as palavras que iria dizer de seguida. Como se estivesse absorta em pensamentos. E como se esses pensamentos fossem recorrentes, e lhe ocupassem a mente, havia muitos e muitos anos.

— Ah, Lorde Vladek — suspirou Lamya, agachando-se para pegar no gato preto que se roçava nas pregas do seu vestido. — E consegue alguém viver sem si próprio?! Temo mais uma eternidade afastada da minha essência, do que enfrentar a ira de mil demónios ávidos da minha alma. Sinto-me oca por vezes, vazia... Presumo que seja esse o preço da invulnerabilidade. Mas é um preço demasiado caro a pagar.

— Pretendeis então recuperar a vossa alma? Libertá-la da vasilha protectora?

— Sim, eventualmente terei de o fazer — disse Lamya, colocando o gato demónio no seu ombro, onde o misterioso ser gostava de se aninhar, enrolando a cauda em volta das patas negras. — Mas não sem antes assegurar que as minhas dívidas ficam saldadas, com um só e último trato!

— É esse então o propósito do vosso exército.

— Sim — confirmou Lamya — e chacinarei cada humano desta cidade, para trocar as suas almas pela liberdade da minha.

— Precisaís de engrossar as hostes nesse caso, senhora. Infelizmente nada sobrou do espólio da batalha. Todos os corpos foram retirados da praça, antes do romper da alva, e levados para o interior da catedral.

— Não tenho estado ociosa, Lorde Vladek — admoestou Lamya, afagando a cabeça do gato demónio, cujo ronronar grave e profundo era algo de extremamente perturbador. — Como pode comprovar, se chegar aqui ao varandim.

Lamya aproximou-se de uma abertura, baixa e larga, como uma janela na parede de rocha. Colunas de pedra calcária em forma de ampulheta rodeavam a sacerdotisa infernalista e o feiticeiro Vrajitor, que olhavam através da abertura para uma ampla caverna, que se abria imponente e grandiosa, algumas braças abaixo.

Era uma caverna natural, abobadada e de tecto espinhoso, que servira como o grande salão de cerimónias do culto. Ao centro erigia-se um altar de pedra, onde, meses antes, Lamya fazia sangrar Gandolfini nos rituais cultistas. Atrás do altar, onde anteriormente ardera uma enorme pira infernal, havia, agora extinto, um monte de toros queimados, restos de madeira, cinza e carvão, que exalavam um odor abafado a enxofre. A caverna encontrava-se mergulhada em penumbra, sendo que apenas a luz mortiça que provinha do varandim elevado a iluminava, revelando traços e formas algo indistintos. Para além das formas do altar de pedra e da pira extinta, distinguia-se um mar extenso de silhuetas paradas, imóveis na

escuridão. Um rumor arrastado, como um lamento pesaroso, soava pela caverna, vibrando nas paredes e arrepiando os pêlos dos braços de Lorde Vladek.

— Despertem-nos — ordenou Lamya numa voz cortante, o que fez com que Lorde Vladek olhasse em redor, tentando perceber a quem a Sepulcralis tinha dado a ordem.

Saindo dos recantos sombrios da gruta pequena, surgiam, por entre as colunas de estalagmites, quatro vultos cobertos por mantos andrajosos, de pontas rasgadas. Os Athanathos avançavam decididamente, cumprindo a vontade da sua invocadora. Do seu corpo cadavérico apenas se vislumbravam as mãos descarnadas, de compridos dedos ossudos, sobressaindo das largas e esfarrapadas mangas. No interior do capuz, negro como a mais escura noite, refulgiam dois pontos escarlates, terríficos e ominosos. Uma aura púrpura exalava de debaixo dos mantos, denunciando a presença demoníaca que possuía os esqueletos.

Lorde Vladek olhava com admiração para os quatro assombrosos seres infernais, que Lamya havia aprisionado e subjugado ao seu serviço, enquanto estes passavam por ambos os vampiros, pegando cada um numa tocha ardente, e se debruçavam da abertura na rocha. De seguida, e temerariamente, saltaram sem hesitar da abertura rude para a caverna, mais abaixo. Aterraram rigidamente, fazendo os mantos esvoaçar em redor, antes de se dirigirem para a frente da massa de um vasto exército de centenas de esqueletos, que aguardavam como que adormecidos. Os Athanathos ergueram as tochas, iluminando os corpos dos mortos-vivos de ossadas velhas e bolorentas. Os seus rostos esqueléticos pareceram então despertar, e centenas de caveiras ergueram o olhar de órbitas vazias para o varandim, onde Lamya e Lorde Vladek apreciavam o poderio reunido pela Sepulcralis. Um silêncio sepulcral reinava na caverna, perturbado apenas pelo constante rumorejar dos cadáveres animados pela vontade de Lamya. Estes eram trôpegos, desprovidos de vontade própria

e inteligência, mas a maldade que os movia era uma força latente e aterradora.

— Estou impressionado, senhora negra — confessou Lorde Vladek, bajulando a sua sacerdotisa. — Este exército lançará o caos na cidade, e com o Conselho Vampírico debilitado, nada vos poderá parar. Tereis todas as mortes que necessitardes!

— Primeiro tenho ainda de firmar o pacto — disse Lamya algo contrariada, esboçando um trejeito de asco. — Está preparado para uma invocação, Lorde Vladek?

— Uma invocação? Agora, senhora? — surpreendeu-se o feiticeiro Vrajitor.

— O tempo urge e não quero dar oportunidade ao Kardhan para reorganizar as suas forças. Para além do mais, tenho outro assunto premente em mãos. O prazo que dei ao Zelus para recuperar a urna terminou. Uma nova lua está no céu e espero bem que o receptáculo da minha preciosa alma já se encontre na sua posse. Senão...

— O Zelus será fácil de encontrar, senhora. Como Justicar do Conselho, está frequentemente no palácio.

— Consigo sentir a minha marca nas mãos dele e do meu antigo cultista. Não estão longe — afirmou Lamya confiantemente. — Basta-me seguir o pulsar da maldição na runa que lhes desenhei. Mas tudo a seu tempo. Primeiro, a invocação!

Lamya terminou, minuciosamente, o pentagrama intrincado, desenhado no chão, dando indicações a Lorde Vladek para a auxiliar na preparação do chamamento que iria realizar. Mais velas foram dispostas em redor, estrategicamente colocadas nas pontas do pentagrama de linhas rubras, gravadas a sangue. Lamya afastou o recipiente cheio de sangue retirado de uma galinha preta degolada, e espalhou incenso pelo ar bafo da gruta. Lorde Vladek mostrava-se apreensivo, pois sabia tratar-se da invocação de um demónio superior. Até agora,

O QUEBRAR DAS CORRENTES

— Não me mateis, por favor — choramingava o moço, sentindo a lâmina da espada gémea de Algol na sua garganta. O gume acerado e frio já fizera escorrer um fino fio de sangue vivo, que descia pela gola da camisa rasgada.

Algol segurava-o por trás com pouca delicadeza, empurrando-o para o interior de um aposento luxuoso, numa das alas do palácio consular de Génova. Fechou a porta atrás de si, relanceando ainda o corredor em busca de algum guarda nas imediações. Tudo calmo e sossegado. Se ali era de facto o assento do Conselho Vampírico genovense, estava pobremente guardado. Talvez se devesse às inúmeras baixas sofridas na batalha. Ou talvez se julgassem seguros e intocáveis, depois de desbaratadas as forças de Tomaso e não serem consideradas mais uma ameaça.

— É aqui? — Algol perguntou simplesmente, ignorando as constantes súplicas do rapaz imberbe, que não devia ter mais de doze ou treze anos de idade.

— S... sim... senhor. Foi a sair deste quarto que vi o cavaleiro de que estais à procura. Chama-se Don Ramírez e tem um bigode e uma espada grande, tal como haveis descrito — informou o serviçal entre lamentos e choros.

— Quando?

— Muitas vezes. Ele e... e... e... outros cavaleiros e senhores importantes que trajam de negro. Ah e o abade do mosteiro também, senhor — o rapaz tentava ser o mais prestável possível, na esperança de que o guerreiro musculoso de duas espadas lhe poupasse a vida. — Encontravam-se aqui nestes mesmos aposentos, mas o que tratavam não sei. Esta área é restrita. Apenas os escolhidos para servir os senhores são permitidos, e esses não falam connosco, não senhor. Sou um simples filho de pedreiro, encarregue de despejar os baldes dos quartos do palácio. Mas neste não entro. Por favor, tende piedade!

— E onde está agora? Eu preciso de encontrar esse Don Ramírez e...

Algol interrompeu-se enquanto encostava o rapaz contra a porta, pois pelo canto do olho viu algo que o surpreendeu. Para além da pequena, porém luxuosa, antecâmara onde se encontravam, vislumbrou um magnífico quarto no qual sobressaía uma cama de dossel, logo após o arco de passagem. Mas foi por entre os esteios de madeira, que serviam de suporte ao dossel, que Algol descortinou um corpo macabramente embutido na parede de rocha do aposento. Arrastando o jovem atrás de si, Algol entrou no aposento. Circundou a cama e parou defronte do corpo imobilizado de Tomaso, humilhanamente incrustado na parede.

— *Humph...* — fungou Algol, divertido por ver até que ponto o orgulhoso e emproado Tenebrae havia tombado.

O pajem fitava boquiaberto o torso e a cabeça daquele homem, cujos membros desapareciam no interior da parede. Atravessado no seu peito estava um pedaço de material negro, mas que não parecia ser nem metal nem uma cunha de carvão. O horror estampado no rosto do rapaz não ofuscava a curiosidade mórbida que o impelia a olhar fixamente o cenário grotesco que presenciava.

— D... D... Deus do C... Céu! — balbuciou o jovem, de olhos esbugalhados.

O corte foi rápido, indolor, e inesperado, quando Algol abriu as goelas do rapaz com a lâmina que mantinha ameaçadoramente perto do seu queixo. Uma torrente sanguinolenta jorrou para o chão, caindo num nojento som chapejante. Os joelhos tombaram de seguida, abatendo-se na poça vermelha e pegajosa, e os olhos do rapaz piscaram uma só vez, antes de o brilho da vida deles desaparecer, numa expressão de surpresa súbita. O corpo caiu rígido no chão, aos pés de Algol.

— Lamento, mas já tinhas visto de mais — explicou-se o Zelus, depois de fazer o que sabia ser inevitável. — Foi melhor assim.

Algol não concedeu mais de um momento da sua atenção ao serviçal morto, embainhando novamente ambas as espadas nos talins do cinturão. Tomaso estava ali, mesmo à sua frente. O rosto imóvel, especado, os seus olhos abertos e distantes, como dois poços sem fundo. Todavia, pareciam espiar, ocultando uma vigília arguta e desperta. Uma sensação de arrepio percorreu a espinha de Algol quando o Zelus se aproximou da parede e do torso daquele que era ainda, para todos os efeitos, o seu Príncipe.

Com cautela, tocou a lâmina umbral que varara o coração de Tomaso, estranhando o frio e a dureza do material do qual era feita. Os olhos do Tenebrae não se haviam movido, mas algo dizia a Algol que toda a atenção do vampiro imobilizado estava centrada em si. A mão calejada do Zelus cingiu-se em volta do espigão negro de sombra, que perfurava o peito de Tomaso. Algol levou o seu tempo, como se ponderasse muito bem todas as implicações do que estava prestes a fazer. O feixe aguçado era frio e desconcertante ao toque. Abriu a mão e voltou a fechá-la algumas vezes, antes de se decidir, por fim. Com um brusco sacão, retirou a aguçada ponta umbral embebida no torso. O corpo de Tomaso arquejou, piscando os

olhos e meneando a cabeça. O seu rosto estava mais pálido que o habitual, chupado e de aspecto débil. Ainda assim, o olhar de fúria que lançou a Algol foi surpreendente para alguém num estado tão frágil.

— Porque demoraste tanto tempo a tirar esse maldito objecto? — disparou Tomaso em ira.

Algol franziu as sobrancelhas por detrás da cortina de cabelo negro. De resto, manteve-se impassível ante a tirada agressiva do seu Príncipe.

— Os vossos captores... — respondeu Algol mais por reflexo e hábito do que por vontade — ... podem regressar a qualquer instante e... — *Mas por que diabo estou eu a dar desculpas a este idiota?!...* apercebeu-se subitamente o Zelus, e pela primeira vez, desde há muito, sabia que já não se encontrava sob o jugo e influência da vontade de Tomaso. Nem compreendera a verdadeira razão pela qual fora levado a retirar a ponta umbral do peito do tirânico Tenebrae. Que devia ele a Tomaso, para além da vingança por anos e anos de serviço, recompensados com a ingratidão despótica de um punho de ferro?

— Os meus “captosres” — respondeu Tomaso com asco na voz viperina — prenderam-me aqui como um troféu, como uma cabeça de javali a adornar as suas reuniões! Presenciei cada conversa, cada momento angustiante, impotente para fazer o que quer que fosse. Fazes ideia do que isso é? Olhares os teus inimigos de perto, a tua mente a obrigar o corpo a atacá-los, para os fazeres pagar pela humilhação e afronta que te causaram... — Tomaso soluçou debilmente, mas sempre com ódio e desprezo estampados na face abatida — mas sentes-te irremediavelmente paralisado... fraco... incapaz! ARGH! Vais pagar, Andrew! Ireis todos pagar! — o seu olhar de ódio virou-se então para Algol. — Agora tu! Anda, tira-me daqui depressa. Do que estás à espera?

Algol pareceu ignorar a ordem directa de seu antigo suserano, fitando-o com olhar inquiridor.

— Desses vossos captores consta o cavaleiro Zelus? O Justicar que vos levei a Savona?

— O quê?!... O Zelus? Sim, deve estar com o Andrew. O Kardhan mandou o Conselho Vampírico para a catedral, devido aos preparativos de uma grande recepção que está a planear aqui no palácio. Temos de sair daqui o mais rápido possível! E preciso de me alimentar. Mexe-te, seu monte de músculos idiota!

Algol esboçou um trejeito de desagrado. Cada palavra insultuosa de Tomaso feria-o como agulhas em brasa. O seu lábio superior tremeu, enquanto afastava uma mecha de cabelo negro da frente dos olhos.

— Não sei se me agrada o tom com que vos dirigis a mim — avisou Algol, encarando o olhar do odioso Tenebrae.

O queixo de Tomaso descaiu, em incredulidade e ultraje. Como se atrevia o seu escravo a falar-lhe assim, com tamanho despeito e ousadia?

— Se te agrada?! SE TE AGRADA?! — Tomaso levantou a voz, remexendo o tronco com brusquidão, para tentar soltar os membros aprisionados na parede. — Sou o teu senhor. Não tens direito a opinião, gostar ou deixar de gostar! E não questionas as minhas ordens! És o meu escravo...

— CHEGA! — gritou Algol por sua vez, interrompendo Tomaso, que se calou, surpreendido novamente pela impetuosidade do Zelus. — Pela última vez... NÃO SOU ESCRAVO DE NINGUÉM!!

O orgulho do Zelus ardia em chama, acicatado como se as palavras do Tenebrae nele estalasse como um látego abrasivo. Algol deu um passo em frente, olhando para cima, bem para os olhos furiosos de Tomaso. Enfrentava-o abertamente. Não mais aceitaria submeter-se à sua vontade, nem à humilhação de estar debaixo das suas ordens opressivas.

O poder de Tomaso estava quebrado, e no seu estado débil, o seu corpo desprovido de qualquer reserva de sangue, não conseguiria fazer uso de nenhuma das suas capacidades.

Todavia, o Tenebrae reuniu todas as forças que lhe restavam, fitando Algol com determinação no olhar, tentando quebrar-lhe as barreiras mentais, como tantas vezes fizera, para incutir a sua vontade sobranceira sobre o outro vampiro.

— Vais fazer como te ordeno. JÁ! — Tomaso forçou a sua vontade, rangendo os dentes com o esforço, sentindo o vazio e a fome dentro de si assomando-se vorazmente. — Vais libertar-me desta maldita parede e descer-me até ao chão com cuidado, para eu me banquetear com esse sangue delicioso que fizeste escorrer da garganta do moço. Isto se tiveres a sorte de não me atirar primeiro à tua garganta traidora! Entendeste bem? Agora faz o que te digo!

Foi preciso um longo momento para que a reacção de Algol se fizesse notar. O poder de Tomaso falhara, pois não lhe restava sangue algum para queimar e potenciar as suas habilidades sobrenaturais. Algol escutara, incólume, as palavras do Tenebrae, que lhe soaram banais e desprovidas do seu antigo poder. Um sorriso ténue e trocista esboçou-se no canto dos lábios do Zelus, enquanto baixava a cabeça para olhar o cadáver do pajem, prostrado no chão do aposento, junto da cama de dossel. Com a mão direita, desembainhou, lenta e calmamente, uma das suas espadas gémeas. Sob o olhar atento de Tomaso, Algol baixou a lâmina até à garganta aberta do rapaz, passando-a pela carne ensanguentada e mutilada, banhando-a no sangue escuro. De seguida, ergueu a lâmina húmida e gotejante até à altura do rosto de Tomaso, rodando a folha de um modo provocador.

O Tenebrae parecia hipnotizado, mirando com ansiedade e sofreguidão o delicioso néctar rubro que tingia o aço da espada gémea de Algol. De uma boca estilhaçada no de resto acerado gume da lâmina, perto do guarda-mão da espada comprida, escorria um pingo grosso de sangue viscoso. Tomaso perdera toda a agressividade subitamente, enfeitado pela atracção avassaladora do sangue. Os seus olhos pareciam brilhar, vidrados no líquido vermelho-escuro. A boca

abriu-se, escancarando-se para revelar os dentes caninos que se alongavam, esfaimados, ante a visão tentadora da lâmina que balançava, provocante, diante de si.

— Queríeis sangue, era? — perguntou Algol, semicerando o olhar e cingindo o punho da espada com força. — Banqueteai-vos então com isto!

Com uma forte arremetida, Algol empurrou violentamente a sua espada para cima, enfiando-a pela boca aberta de Tomaso adentro. A ponta de aço trespassou-lhe o crânio, perfurando miolos e osso, e saiu bruscamente pelo topo da cabeça com um nojento som trucidante.

Os olhos surpresos de Tomaso reviraram nas órbitas. Na sua boca destroçada alojava-se a base da lâmina ensanguentada, enterrada quase até ao guarda-mão. A língua do Tenebrae tenteava o aço frio, lambendo vagarosa e deliciadamente o doce néctar da vida, em gestos macabros cada vez mais lentos e morosos, até parar por completo, no momento em que o seu corpo se desfez em cinza e pó.

O sol afundava-se à distância, como uma grande bola dourada mergulhando lentamente no horizonte de intermináveis planícies, pontilhadas por azinheiras e montados, que se perdiam até onde a vista alcançava. Mesmo ao final da tarde, o grande astro estendia os seus compridos e radiosos braços sobre os campos castelhanos. Terminadas que estavam as horas da calma e do calor estival, os campos voltavam a ganhar vida com o azafamado chilrear dos pardais e a algazarra preguiçosa das cigarras.

Debaixo de um grande e frondoso sobreiro, cujo tronco de casca corticeira servia de abrigo dos raios de sol, estendia-se uma manta de retalhos sobre o chão fofo de erva seca, à sombra prazenteira dos ramos e folhagem, que dançavam ao sabor da brisa. Dois corpos nus deitavam-se sobre a manta,

UM PORTAL PARA O ABISMO

O porto estava deserto, parecendo despido de vida e movimento quando Andrew e Antonio irromperam no embarcadouro. De entre os vários navios ancorados, um galeão de guerra sobressaía. Não pela imponência, pois vários outros navios mercantes próximos sobrepunham-se em tamanho e opulência, mas pela nuvem de negrura densa que parecia velar sobre a embarcação. Era como se a sua forma estivesse oculta, os seus contornos dissimulados por trevas que misteriosamente se concentravam apenas naquele local do cais. O ninho no topo do mastro rasgava o manto de escuridão, balançando suavemente ao sabor do mar calmo, enquanto o silêncio nocturno era quebrado pelas sinetas embaladas pela ondulação.

Um par de botas soou ao descer a prancha de embarque, assim que Antonio e Andrew se aproximaram. O som provinha de algures por entre a bruma, e foi só quando se encontrava derradeiramente perto, fazendo ranger as tábuas da prancha, que a silhueta negra de um homem arnesado surgiu, apresentando-se altivamente aos dois Tenebrae.

— Lucius Gavinius — disse ao executar uma discreta vénia, fazendo o seu comprido cabelo negro cair dos ombros para o peito.

— Príncipe Andrew e Conselheiro Antonio do domínio de Génova. Estamos aqui para vos receber e levar ao Lorde Kardhan.

— Perdão... — rogou o Tenebrae Lucius, ajoelhando-se prontamente. — Não vos julguei o Príncipe.

— Pois... — referiu Andrew contritamente, o seu rosto fechado. — Não é costume, mas o Príncipe irá escoltar-vos. Ergue-te e traz os teus homens.

— Tenho comigo o Primeiro Batalhão do Exército Umbral, para deixar às ordens de Lorde Kardhan. Os homens estão prontos a desembarcar, excelência.

A um sinal do Tenebrae, novas pranchas foram atiradas da borda para o passadiço no embarcadouro, e inúmeros vultos começaram a descer com disciplinada rapidez, formando marcialmente no cais. Três companhias de cem homens, cada qual ostentando três pelotões de vultos negros. As suas armaduras eram negras como breu, e o aço escurecido das suas espadas não reflectia o luar. *Uma hoste das sombras...* pensou Antonio, admirando o temido exército do qual apenas ouvira rumores. Um exército totalmente formado por vampiros era algo de muito raro, e estava apenas ao dispor de anciãos extremamente antigos e poderosos, como era o caso do Alto Conselho Umbral. A guerra a leste deveria ser proveitosa o suficiente para empenhar semelhantes meios, pois o envio de tamanha força acarretaria custos astronómicos. As contrapartidas para o clã Tenebrae seriam deveras recompensadoras.

Ao longe, dois membros da guarda genovense observavam imóveis e guardando a distância, tal como lhes tinha sido ordenado. As ordens de Andrew aos capitães da guarda haviam sido bem claras: Um pequeno exército estaria de passagem pela cidade, pelo que não haveria lugar a alarmismos nem falatórios. Porém, trezentos homens armados e protegidos de negras armaduras a atravessar a cidade não passariam certamente despercebidos.

As bandeiras negras eram finas e alongadas, pendendo de compridas lanças erguidas pelos porta-estandartes. À voz de ordem de Lucius Gavinius, o batalhão Tenebrae, formado e imóvel, volveu à direita, e as três companhias voltaram face num sincronismo perfeito e uníssono, antes de uma nova ordem os fazer arrancar. As botas calcavam o empedrado numa cadência precisa e regular, e os trezentos homens avançaram como um todo. A visão de tal força era intimidadora, pela cor das suas armaduras, roupas e estandartes, que se confundia com a noite, bem como pelo rosto severo e fechado dos Tenebrae que a compunham.

Antonio e Andrew seguiam na frente da coluna, encabeçada por Lucius Gavinius, que caminhava pouco atrás. Este não se atrevia, humildemente, a dirigir a palavra ao Príncipe. O percurso até ao palácio na Piazza San Matteo não era longo. Todavia, tornou-se algo moroso devido ao lento avanço das tropas. Antonio e Andrew levaram-nos pelas mais largas ruas e avenidas, e não foram poucas as portadas e janelas a abrirem-se à passagem do pequeno exército. Rostos assustados metiam-se para dentro. Gritos e imprecações faziam-se ouvir pontualmente, mas, na maioria, as pessoas limitaram-se a trancar-se em casa, rezando e suplicando a Deus que a guerra e a desgraça não as voltassem a assolar.

O grande largo defronte do palácio estava deserto quando recebeu o batalhão de guerreiros Tenebrae, que estacou e fez alto à marcha, à voz de comando de Lucius Gavinius. Com rigor marcial, as três companhias destroçaram, formando rapidamente em linhas de dois homens, atrás dos respectivos comandantes de pelotão. Antonio e Andrew aguardavam nas escadas do palácio San Matteo, cujos portões se escancararam para receber os Tenebrae no seu interior. Em todas as saídas da Piazza estavam colocadas sentinelas da guarda genovense, impedindo o acesso à praça.

Dois homens seguravam os portões abertos, envergando a libré do palácio consular. Um deles observava, atento, tudo

o que se passava. Mantinha, contudo, uma pose discreta, enquanto lançava olhares minuciosos a Andrew e Antonio. Assim como espiava cuidadosamente os guerreiros de negro, que entravam ordeiramente, dois a dois, pelos portões do palácio. Andrew e Antonio entraram no fim, depois de todos os outros Tenebrae, mas quando os dois homens com a libré do palácio se preparavam para fechar os portões, Andrew colocou-se à sua frente, impedindo-os de entrar. Dispensou-os secamente, mandando-os embora sem perder tempo. Um dos homens virou-se sem questionar e saiu, descendo a escadaria para a praça, mas o outro permaneceu em frente a Andrew, parecendo hesitante, saltitando de um pé para o outro, como se procurasse uma desculpa para conseguir entrar. Andrew olhou-o severamente e sem paciência, fechando-lhe de seguida os portões na cara, para frustração do homem, que retirou o chapéu de feltro cerimonial e o atirou para o chão.

— Maldição! — praguejou Jonas, baixando-se para pegar no chapéu.

O seu plano não havia dado frutos. Tinha arranjado maneira de se ver na posse de uma farda consular, para depois subornar um dos guardas palacianos de modo que esse não comparecesse naquela precisa noite para fazer o seu turno de serviço. A outra sentinela da guarda fora facilmente persuadida pelas capacidades de eloquência e subterfúgio do escrivão, e não desconfiara da desculpa que este engendrara. No entanto, Jonas via-se agora impossibilitado de presenciar o que quer que se fosse passar lá dentro, depois de tantas semanas a ouvir conversas sussurradas por entre corredores e salões. Espiara Andrew, que aparentemente concentrava em si mais autoridade do que um simples cavaleiro bretão exilado. Expiara também o abade Antonio, cujas influências se estendiam bem para além do mosteiro.

Não sabendo de outra maneira de entrar, Jonas virou costas, derrotado desta vez, afastando-se pela praça San Matteo, enquanto o silêncio da noite abafava a trama misteriosa que se desenrolava no salão nobre do palácio consular.

O salão nobre estava amplamente iluminado, conferindo-lhe um ar grave e austero. Um candelabro circular com armação de ferro, munido de várias dezenas de velas, pendurava-se do tecto alto sobre o meio do salão. Muitos outros castiçais de pé alto dispunham-se em redor, perto das paredes, alumando as ricas tapeçarias sobre a rocha dura e fria. O batalhão de guerreiros *Tenebrae* aglomerava-se no salão apinhado, ocultando por completo as lajes de pedra do chão. Trezentos vampiros cobertos de negro aguardavam a entrada triunfal que não se fez esperar.

— Irmãos... Esta noite é nossa!

Uma voz profunda soou e as luzes diminuíram no mesmo instante, como se sonegadas por um véu de escuridão que se abateu sobre o salão. As velas do candelabro suspenso do tecto extinguíram-se, e as chamas dos muitos castiçais tremeram e vacilaram, lançando, em redor, tímidas sombras que bruxulearam como se ganhassem vida súbita. Kardhan surgiu no palco elevado, lugar do Conselho, à cabeça do salão, saindo de trás de uma cortina em tecido avermelhado, debruado a fios de seda negra e dourada. A sua pose era altiva e os seus gestos teatrais, causando um imediato estertor de espanto nas forças *Tenebrae*. Todos os olhares estavam em si, como se admirassem uma lenda viva. O poderoso Kardhan, membro do Alto Conselho Umbral e futuro monarca a leste, ali presente, liderando-os. Todos os *Tenebrae* no salão assumiam uma postura de soberba e confiança, escutando atentamente as palavras de um dos grandes do clã. Andrew e Antonio aguardavam junto dos portões, braços cruzados, mantendo-se à parte.

— Esta noite escrevemos uma nova página no livro da história do nosso clã! Uma página ilustrada a glória, e que marcará a hora decisiva em que a Sombra deixou de estar contida em torno do ameno mediterrâneo, para estender os seus muitos braços pela vasta terra afora. Pois esta é a nossa hora!

Os Tenebrae rugiram em concordância com o erguer triunfal dos braços de Kardhan, que levantou o moral dos guerreiros e fez a sala escurecer ainda mais. Fiapos das mais negras sombras rodeavam-no, como uma nuvem de traças ominosas em redor de um archote. O seu rosto estava semi-encoberto, constantemente, por sombreados e zonas escuras, que lhe ocultavam as angulosas e rígidas feições.

— Tal como os tentáculos de Arimane, Senhor das Trevas e do Abismo, assim vós sereis os meus braços, que estendo para conquistar um novo reino em nome da Sombra e do nosso clã. E que muitos séculos daqui em diante, quando o mundo for inteiramente nosso e todos os outros clãs se vergarem ao nosso poder e supremacia, todos recordem esta noite! Que recordem e louvem quem hoje, aqui neste salão, deu o primeiro passo para a expansão de um novo império. Um Império Umbral, construído com as vossas espadas, mas criado e impulsionado por mim!

— Lorde Kardhan! — rugiram novamente, e em uníssono, as vozes dos trezentos Tenebrae.

— Estais aqui hoje para presenciar e contemplar a grandiosidade do meu poder — continuou o anciano Tenebrae, passeando-se pelo palco enquanto gesticulava compelativa e entusiasticamente. — E testemunhar, enquanto eu, Lorde Kardhan, Monarca Regente do futuro reino a leste, rasgo o Abismo para vós, abrindo um portal que vos levará, bem como os restantes batalhões de guerreiros que nos seguirão, a milhares de léguas de distância, acima dos Cárpatos.

O silêncio abateu-se subitamente quando Kardhan abriu os braços e fechou os olhos. Trejeitos de receio e espanto espelhavam-se em todos os rostos semi-escuros, não disfarçando a curiosidade e o respeito pela enormidade do acto temerário que se seguiria. Todos os vampiros presentes sentiram a assombrosa concentração de poder que se reunia em torno do vulto negro do ancião. As sombras em redor remexeram-se, atraídas inexoravelmente para a silhueta compulsiva de Kardhan.

Este aproximou-se da parede de rocha nua atrás do palco onde se encontrava, virando as costas à plateia. Depois, estendendo uma mão enluvada de negro, colocou a palma aberta na rocha. Seguiu-se um instante de expectativa e ansiedade. Ouviram-se murmúrios abafados pelo salão, enquanto várias cabeças se inclinavam para os lados, tentando ver através das fileiras à sua frente. A mão de Kardhan tremeu. Os seus dedos fecharam-se num punho rígido. Silêncio. Os dedos abriram-se de súbito, tal como os olhos negros do *Tenebrae*, forçando uma brecha no plano místico, que surgiu como um rasgão de sombra, de alto a baixo, ao longo da enorme parede do salão nobre do palácio.

Arnoldo era um homem de idade avançada, que trabalhava afincadamente desde a sua infância no cemitério perto da zona portuária. Perdera a conta a quantos párocos haviam passado pela pequena igreja, e a cujas ordens se submeteu zelosamente, como se fossem a própria palavra de Deus. As suas mãos nodosas estavam rígidas dos calos e das articulações perras de anos e anos a cavar o solo, abrir valas, tratar a terra e cuidar das campas. Fora uma vida dura, trabalhando de sol a sol, dedicada à igreja e ao serviço da obra do Senhor. Nunca casara, nem tão pouco tivera companhia. Fosse porque não procurasse, ou porque não despertara interesse nas moçoilas na sua juventude, sempre estivera sozinho. Arnoldo era o que se podia considerar um homem feio, o seu corpo enfezado, com uma ligeira corcunda, e o rosto carregado de bexigas, que a idade ainda conseguira agravar. Não tinha parentes ou amigos, à exceção de um irmão, que vivia em La Spezia, e com quem não falava havia mais de vinte anos. Talvez até já tivesse morrido, sozinho e abandonado, no pardieiro a que chamava casa, sem nunca ter chegado a sarar as feridas que o separara do irmão.

No entanto, isso não faria já a menor diferença, pois a figura de Arnoldo, que estava debruçada sobre uma campa,

desviando alguns calhaus para um montículo ao lado, não era o verdadeiro Arnaldo. Esse estava deitado, jazendo sem vida no chão de palha, no interior do estábulo junto à igreja onde costumava dormir. A sua aparência ilusória era usada pelo Lunae Mukade, que fingia estar distraidamente a trabalhar, na pele do coveiro, quando na verdade servia de engodo para a emboscada que Loki e ele haviam preparado a Gandolfini. Um corvo grasnou algures nos ramos de um choupo que se agigantava nos limites do cemitério. Mukade olhou em redor discretamente, através da aparência ilusória do coveiro, e continuou a sua monótona e inútil tarefa. Três calhaus movimentados a seguir, o mesmo corvo grasnou, soltando um “*croac*” rilhado e lúgubre, que obteve a resposta de outro corvo, na ponta oposta do cemitério. Por entre a luz pálida da lua, estendiam-se compridas sombras projectadas pelas cruces de madeira à cabeça das campas. Uma decrépita oliveira, perto de onde Mukade aguardava, abria os muitos braços nus e tortuosos, lançando-os como garras medonhas em redor. Ouviam-se grilos ao longe, mas o cemitério afundava-se num silêncio de morte.

A certa altura, Mukade julgou ouvir um ruído seco e sumido. Susteve uma mão no ar, segurando uma pedra, e olhou por cima do ombro. Não viu nada para além do vulto enorme da nodosa oliveira, cuja casca estava aberta e rasgada por extensas rachas. Fixou o olhar mais atentamente na sombra defronte da árvore até discernir uma grande rocha musguenta, entre as grossas raízes. Sobre a rocha estava pousado um corvo negro, que se confundia com a escuridão natural. Subitamente o corvo grasnou e levantou voo, sobressaltando Mukade, que estremeceu surpreso com a enorme envergadura das asas negras do bicho, enquanto acompanhava o seu voo com o olhar.

— Horas tardias para estar a trabalhar, coveiro — saudou a voz esganiçada de Gandolfini, que apareceu qual fantasma na frente de Mukade, quando este baixou os olhos.

CONVERGÊNCIA, IMPASSE E PERSEGUIÇÃO

— Estás atrasado, meu amigo Zelus — disse Lamyá desdenhosamente. Cada palavra sua parecia arranhar os tímpanos de Ramírez, de tão rouca e amarga que soava. — A tua parte do acordo — lembrou em tom de ameaça. — Quero a minha urna!

— E tê-la-ás! — respondeu Ramírez, voltando-se para Gandolfini. — Assim que a tirar das mãos deste maldito bandalho!

Gandolfini sorria como uma criança traquina, deleitando-se com a intriga que se gerara em torno da urna que mantinha escondida, em sua posse, na catedral.

— Mas que... querem da... urna? Fui eu que... a encontrei! — protestou Mukade, revelando a preocupação que o afligia em todos pretenderem pôr as mãos em cima do precioso artefacto. Não havia passado uma única noite em que não pensasse na desejável urna, tão cativante e radiosa. Cobiçara-a desde o momento em que lhe tinha posto os olhos em cima, na sala da Venusi Maria.

— Silêncio, idiota! — admoestou Loki. — Eles que fiquem com o maldito vaso. Nós queremos o Gandolfini.

— Fala por... ti — ainda articulou Mukade, mas tão baixinho que ninguém o ouviu. A voz de Ramírez sobrepôs-se logo de seguida, irado e sem paciência.

— Tu queres é que te separe a cabeça dos ombros, bobo! Afasta-te! Tu e o teu amigo trinca-espínhas.

— Calma, calma — aplacou Gandolfini em tom jocoso, na sua voz esganiçada, abanando a cabeça de cabeleira desgrenhada. — Não precisam de discutir por minha causa.

— Não tenho tempo a perder — irritou-se Lamya, dando um passo à frente e afastando-se do Vrajitor Lorde Vladek. — Meu caro Gandolfini... Em honra dos bons velhos tempos, se tiver a bondade de entregar a urna ao nosso amigo Ramírez, pouparíamos algumas chatices. E tu e tu — apontou com desprezo para Loki e depois Mukade. — Ponham-se a andar! Não têm nada a fazer aqui.

— Não mandas em nós, cabra! — exasperou-se Loki, deitando um olhar de ódio à pálida e magríssima Sepulcralis. Se Lamya se revelasse um obstáculo que o impediria de chegar a Gandolfini, então teria de ser removida do caminho, tal como o Zelus metediço e o seu amigo. Loki ergueu um punhal, direccionando a ponta aguçada a Lamya. — É melhor calares essa boca infernalista antes que eu...

Um súbito estertor silenciou o cemitério. A terra tremeu e um estrondo ribombante ecoou pela cidade, como se uma enorme tempestade tivesse rebentado naquele preciso momento. O fragor provinha do centro da cidade. Todos olharam nessa direcção, esquecendo por breves instantes os seus antagonismos. O telhado do palácio consular, que se destacava acima dos edifícios próximos, desabou subitamente. Mesmo à distância, podia-se vê-lo a desmoronar, como se os pisos inferiores, que o suportavam, tivessem abatido. Uma torrente negra principiou então a jorrar em direcção aos céus, para fora do palácio, pelo enorme buraco aberto no seu topo. Como um vulcão de trevas, sombras negras, provenientes do mais escuro e fundo Abismo, irrompiam selvaticamente. Soltavam-se pelo céu nocturno, e dispersavam-se pela cidade, como sangue preto vertido numa tina de água, conspurcando-a.

Todos os presentes no cemitério olhavam atónitos, sem conseguir entender a razão de tão estranho fenómeno. Todos menos um...

— A noite que durará três dias — balbuciou Gandolfini em compreensão, os olhos brilhantes e a boca aberta num sorriso pasmado. O Lunae contemplava maravilhado o que acreditava ser o sinal havia muito aguardado. Uma mensagem astral anunciando a chegada da mudança que Gandolfini vaticinara, e que ele próprio impulsionara através da tentativa de sublevação de Génova, em conluio com os infernalistas. — Finalmente...

Movida por uma sensação de urgência, Lamya não queria esperar para ver o resultado, ou saber sequer a causa do misterioso negrume que jorrava sobrenaturalmente do telhado do palácio, a meio da cidade. Teria de recuperar a posse da sua alma o mais rápido possível, para poder desencadear depois o ataque à cidade e cumprir o acordo com o diabólico mestre. E fosse o que fosse aquela torrente de sombra negra, não seria decerto um bom augúrio para os seus planos.

— A minha urna! — berrou Lamya, fechando um punho ossudo ao dirigir-se a Gandolfini. — Onde está?!

A única resposta que obteve foi um sorriso sardónico do ancião Lunae.

— Meu Deus... — pasmou-se De la Peña, ao fitar incredulamente o céu nocturno sobre a cidade. A noite escura tornava-se preta, como se um líquido negro e espesso a pintasse, propagando-se pelas ruas, vielas e praças da grande Génova.

— QUERO A MINHA URNA! — vociferou Lamya, perdendo a paciência. Todos a ignoravam, olhando com espanto para a torrente negra que derramava sombras em redor do palácio. — ZELUS! Tira-lhe a urna, JÁ!

Lorde Vladek avançou um passo, como que materializando a ameaça da sua sacerdotisa.

— Quietos aí! — alertou De la Peña, interpondo-se em defesa do seu amigo.

— Sei muito bem o que tenho de fazer, Lamyá! — ripostou Ramírez, levantando a voz. — Eu cumpro a minha parte do acordo.

O avanço de Ramírez foi desta feita interrompido por Loki, que o impedia afoitamente de chegar a Gandolfini.

— Já te disse que o Coelho é meu...

— E eu já te disse para te afastares... — irritou-se Ramírez, fazendo rodar *La Reyna* no ar.

— CHEGA! — gritou Lamyá, perdendo qualquer réstia de paciência que lhe restava. O gato demónio afastou-se da Sepulcralis, incomodado pela sua ira, e enroscou-se no manto púrpura de Lorde Vladek, que se mantinha fielmente ao lado de Lamyá. A Sepulcralis quase cuspiu, exaltada pela frustração, pois o tempo urgia. — Zelus! Vais matar esses imbecis imediatamente, maldito sejas! E trazes-me a urna de uma vez! Senão, tu e o vira-casacas do Schwarz ides sofrer na pele o meu poder negro! Ou estais esquecidos que carregais a marca de Lamyá? Até me entregares a urna, sois ainda meus escravos!

Ramírez e De la Peña trocaram um olhar cúmplice, não evitando levar uma mão ao cinto, de onde pendia uma bolsa de couro, cujo conteúdo religiosamente guardavam. As suas mãos decepadas estavam no interior, desde a noite em que as haviam cortado. Estranhamente, não se haviam transformado em cinza, ou sequer decomposto, pois a marca ominosa da magia negra da Sepulcralis permanecia gravada, viva e pulsante, embora nem Ramírez nem De la Peña sentissem mais a sua presença.

— Imbecis?! Porque não fazes tu própria o teu trabalho sujo? — questionou Loki, sentindo-se insultado pela Sepulcralis e aproveitando o momento de hesitação de Ramírez. — Em vez de mandares os teus cães de caça.

— Ora seu... — enfureceu-se Lamyá.

Lorde Vladek não aguentou mais ficar impávido a observar, enquanto aqueles desprezíveis Lunae afrontavam a sua mestre e sacerdotisa. O Vrajitor ergueu as mãos, de palmas abertas viradas para cima, principiando a conjurar um feitiço arcano. Os seus lábios sibilavam palavras de poder, e as mãos ganhavam uma tonalidade azul e ameaçadora, quando a voz de De la Peña soou acima de todo o desaguisado.

— A catedral! — anunciou, apontando a linha do horizonte por entre o topo dos edifícios de Génova. — Por Deus... A catedral arde!

— Não por deus... mas pela vontade de Gandolfini! — regozijou-se o velho Lunae, esfregando as mãos e arregalando os olhos diante da visão da cúpula da catedral fumegante.

Um brilho rubro manava das aberturas da torre do sino, por entre o fumo baço e pardacento, que contrastava com as trevas negras que se espalhavam em redor. Era exactamente o que Gandolfini esperava, e tudo estava a correr de acordo com os seus planos. Tal como revelara ao Lunae Bino, sobre quem lançara uma aparência ilusória de si mesmo, ordenando-lhe que iniciasse um incêndio na catedral, assim que o sinal cósmico, anunciando a noite que duraria três dias, se desse.

Agora todas as atenções estavam novamente centradas em si. Gandolfini ergueu os braços triunfalmente, tendo como pano de fundo o céu negro sobre Génova, com a torre e a cúpula da catedral, atrás, recortadas a uma fosca luz carmesim, que provinha do interior.

— Esta noite a casa do teu deus cai! — profetizou o visionário Lunae a De la Peña. — E com ela cai a sua influência opressiva sobre o Povo. O trabalho que iniciei, à força de martelo e foice, culmina esta noite. No entanto, outros seguirão o trilho que deixo atrás de mim. Um homem pode morrer, mas não os seus ideais... E já que todos vós me quereis ver morto, convido-vos a ver-me subir à pira ardente em que se torna neste momento a vossa orgulhosa e tirânica catedral. Eu arderei! Mas Gandolfini viverá para sempre.

— Não, espera! — ainda tentou Loki, mas debalde esticou a mão para o velho Coelho.

Gandolfini sumiu-se de repente, desaparecendo diante dos olhares ultrajados de todos no cemitério. O impasse terminara assim de forma abrupta, pois no momento em que Gandolfini se tornou invisível, os restantes explodiram em acção.

Ramírez saltou, descrevendo um arco descendente com *La Reyna*, que cortou apenas ar, onde momentos antes estivera Gandolfini. Frustrado, olhou em redor, mas nem sinal do esquivo Lunae. De la Peña sussurrou algo imperceptível ao corvo empoleirado no seu antebraço, lançando-o pelo ar de seguida, como um falcão caçador. Lamya gritava, quase arrancando os próprios cabelos.

— Rápido, cambada de inúteis! — vociferava a Sepulcralis, chispando de fúria. — Não o deixem escapar. QUERO A MINHA URNA!

— A urna é... minha! — discordou Mukade fervorosamente, atirando um dos seus punhais de arremesso contra Lamya, para espanto e contrariedade de Loki.

O punhal rodopiou pelo ar, em voo rasante em frente ao rosto de Loki, com destino certo ao peito da Sepulcralis. Lamya esbugalhava os olhos, apanhada de surpresa com o ataque aleivoso. Loki gritava NÃO..., mas uma voz arcana sobrepôs-se.

— *Rego Motus* — proferiu Lorde Vladék, controlando a inércia do punhal e forçando-o a cessar, abruptamente, o seu ímpeto. Parou a um palmo de distância do peito exposto da sua sacerdotisa.

— Idiota! — repreendeu Loki, batendo no braço do companheiro. — Deixa-a. Ela não importa!

— Vais arrepender-te, lunático! — ameaçou Lamya.

A Sepulcralis pegou no punhal suspenso no ar e bafejou-o com um hálito negro e pútrido. A lâmina tornou-se então raiada de pequenos veios negros como a morte.

ÍNDICE

PRÓLOGO	9
O SEGREDO DO AÇO	19
O PLANO DE KARDHAN	37
TRATOS COM DEMÓNIOS	51
O QUEBRAR DAS CORRENTES.....	65
UM PORTAL PARA O ABISMO.....	79
CONVERGÊNCIA, IMPASSE E PERSEGUIÇÃO	95
AMOR OU AMIZADE... UMA ESCOLHA DOLOROSA	107
AÇO CONTRA AÇO	123
UM ANJO NO INFERNO	139
DESCIDA AO ENCONTRO DO TERROR E DO MEDO.....	155
ENFRENTAR O TERROR E O MEDO.....	169
HERÓIS IMPROVÁVEIS	181
OLHO MALÉFICO.....	191
DUELO DE MAGIA.....	201
O MISTERIOSO GUERREIRO DO LESTE	209
O SACRIFÍCIO	221
QUEDA AOS INFERNOS.....	233
ADEUS A GÉNOVA.....	255
EPÍLOGO	269
GLOSSÁRIO DE PERSONAGENS	277